

1 Klondy Lucia de Oliveira Agra¹

2 ¹ Faculdade Interamericana de Porto Velho

3 *Received: 5 February 2015 Accepted: 2 March 2015 Published: 15 March 2015*

4

5 **Abstract**

6 Com o objetivo principal de conhecer como se constituem os sentidos em comunidades
7 amazônicas, as percepções dos sujeitos e suas representações sociais sobre a importância, o uso
8 e a preservação da água, fez-se uma pesquisa qualitativa, sob o quadro teórico da abordagem
9 da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, cuja interface permeou a Geografia
10 Sociocultural. O recorte espacial deste estudo são 06 (seis) comunidades inseridas em duas
11 cidades do Estado de Rondônia: Porto Velho e Guajará-Mirim. Na condução das entrevistas e
12 análise das narrativas, utilizou-se o método da Grounded Theory, com auxílio do ATLAS/ti,
13 com a elaboração de mapas mentais e sua compreensão por meio da metodologia Kozel. Na
14 totalidade deste estudo, foi possível observar os sentidos dessas comunidades em relação à
15 água e as conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que as cercam.

16

17 ***Index terms***— sentido. água. amazônia. lógica de comunidade.

18 Um Estudo Geográfico Na Observação Dos Sentidos, Percepções E Representações Sociais Sobre Um Recurso
19 Natural Efetivo À Vida: A Água Amazônica Klondy Lúcia De Oliveira Agra 1 Resumo-Com o objetivo principal
20 de conhecer como se constituem os sentidos em comunidades amazônicas, as percepções dos sujeitos e suas
21 representações sociais sobre a importância, o uso e a preservação da água, fez-se uma pesquisa qualitativa, sob
22 o quadro teórico da abordagem da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, cuja interface permeou
23 a Geografia Sociocultural. O recorte espacial deste estudo são 06 (seis) comunidades inseridas em duas cidades
24 do Estado de Rondônia: Porto Velho e Guajará-Mirim. Na condução das entrevistas e análise das narrativas,
25 utilizou-se o método da Grounded Theory, com auxílio do ATLAS/ti, com a elaboração de mapas mentais e sua
26 compreensão por meio da metodologia Kozel. Na totalidade deste estudo, foi possível observar os sentidos dessas
27 comunidades em relação à água e as conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que as cercam.

28 **Palavras-chave:** sentido. água. amazônia. lógica de comunidade.

29 **Abstract-**With the main objective of observing as the senses are constituted in Amazonian communities, the
30 perception of the subjects and their social representations about the importance, the use and preservation of
31 water, we made a qualitative research, under the theoretical framework of the Cultural Geography approach in
32 its slope phenomenological, with Sociocultural Geography interface. The spatial area of this study are six (06)
33 communities inserted in two cities of the State of Rondônia: Porto Velho and Guajará-Mirim. In conducting the
34 interviews and analysis of the narratives, we used the method of Grounded Theory, using the software ATLAS
35 /ti. In the analysis of mental maps, we used the Kozel methodology. In total this study, we can note the senses of
36 these communities in relation to waters and the connections between social phenomena and problems surrounding
37 them.

38 **Keywords:** sense. water. amazon. logic of the community.

39 I.

40 **1 Introdução**

41 o pensar um estudo geográfico na observação dos sentidos, percepções e representações pretensão de exibir os
42 sentidos de todas as comunidades amazônicas existentes naquele espaço.

43 Pois, composta de díspares sentidos, a Amazônia

44 Por isso, neste estudo, sob o quadro teórico da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, com
45 interface a Geografia Sociocultural, com o objetivo principal de conhecer como se constituem os sentidos
46 culturalmente construídos em comunidades amazônicas, as percepções dos sujeitos e suas representações sociais

1 INTRODUÇÃO

47 sobre a importância, o uso e a preservação da água, observa-se os sentidos de 06 comunidades ribeirinhas próximas
48 aos centros urbanos e tem-se a consciência de que o resultado obtido diz respeito somente a essas comunidades
49 em particular.

50 Como espaço amazônico, no contexto deste estudo, escolheram-se seis (06) comunidades amazônicas inseridas
51 em duas cidades distintas: na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia e em Guajará-Mirim, a
52 segunda cidade fundada nesse Estado. Um Estado que, por sua diversidade, seus problemas socioculturais e seu
53 rápido crescimento demográfico é um retrato síntese da região amazônica.

54 O ser humano amazônico, observado neste estudo, é aquele que, embora esteja a poucos minutos do centro das
55 cidades investigadas, optou 2 por viver às margens de rios. Comunidades que fazem parte de uma paisagem
56 observada e admirada por muitos, mas transformada e vivida por esse ser humano. Um ser que dá uma
57 caracterização diferente ao seu mundo, uma concepção de natureza que integra o urbano e o rural em seu
58 modo de vida com dois elementos essenciais à sua paisagem: as águas e as matas.

59 Importante ressaltar que, ao procurar pelo sentido do ser humano amazônico, compreendeu-se que esse
60 homem/mulher não é somente o nato do lugar, mas também aquele ser humano que escolheu viver e sonhar
61 na paisagem natural, modificando-a e a partir daí, discute-se a gestão da água e seu futuro em congressos,
62 encontros e simpósios, mas verificouse que havia uma lacuna por meio de ausência de trabalho que procurassem
63 conhecer como se constituem os sentidos que conduzem as percepções e representações sociais das comunidades
64 em espaços amazônicos sobre o tema água, não havia também, ainda, estudos que se direcionassem a futuros
65 projetos de gestão com respeito aos sentidos, percepções e representações sociais dessas comunidades, ou as suas
66 lógicas.

67 A Amazônia é a região que comporta a maior e mais extensa bacia hidrográfica continental de drenagem
68 superficial do planeta, ocupando uma área total de 7.008.370 km², desde as nascentes, nos Andes Peruanos,
69 até sua foz no oceano Atlântico (PNRH, 2010). Sua extensão no território brasileiro representa 61% de todo o
70 território nacional, ou seja, mais de 05 (cinco) milhões de quilômetros quadrados, abrangendo 10 estados (Acre,
71 Amapá, Amazonas, parte do Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, parte do Maranhão e parte
72 de Goiás). Uma extensa e rica região que passa por transformações ocorridas pelo desmatamento acelerado e
73 contaminação dessas águas. (DIAS E ARAGÃ?"N, 1987, ARAGÃ?"N, 2006).

74 As comunidades amazônicas analisadas, por estarem inseridas em cidades do Estado de Rondônia, à beira
75 dos grandes rios Madeira e Mamoré, possibilitaram visualizar uma paisagem portadora de formas, cores, cheiros,
76 sons e movimentos ligados à água. Uma paisagem que imprime e recebe as marcas dessa água, moldando sua
77 cultura numa relação dinâmica e recíproca. Paisagens que apresentam conflitos e tensões trazidas com a ocupação
78 desenfreada e projetos diversos de aproveitamentos, com a apropriação, territorialização e desterritorialização de
79 espaços.

80 Essas ações distintas impingidas a esses sujeitos amazônicos resultam em construção de novos sentidos e
81 significados culturais. São resultados de gestões produtoras de problemas de toda ordem que trazem a essas
82 comunidades indagações antes ausentes em suas representações. Dessa forma, essas comunidades diversas sofrem
83 e enfrentam problemas antes alheios às suas culturas e que agora, de modo abrupto e violento, contribuem para a
84 desarticulação e à fragmentação de seus espaços (SENA, 2010). Planos nacionais de expansão dos aproveitamentos
85 hidrelétricos para o Estado de Rondônia preveem, além da construção das Usinas Santo Antônio e Jirau (já em
86 funcionamento), mais quatro Usinas Hidrelétricas (UHEs), a Madeira Binacional, a Monte Cristo, a Ávila e a
87 Ji-Paraná, as quais, construídas em 3.731,919 Km², atingirão várias comunidades, entre elas, 12 áreas indígenas
88 com cerca de 5.784 habitantes, comprometendo suas paisagens naturais, culturais e, principalmente, a sua água
89 (SENA, 2010).

90 Pela intensa transformação cultural que tais projetos provocam nessas comunidades, com a construção de
91 novos sentidos e mudança de suas paisagens naturais e culturais e, pela importância da água, não só para essas
92 comunidades, mas para toda a humanidade, justificou-se esta pesquisa.

93 A fim de conhecer e compreender sobre a constituição dos sentidos dos homens/mulheres amazônico e de como
94 esse sentido culturalmente construído conduz a diferentes percepções, visões de mundo e construções de pontos de
95 vista, buscou-se pela teoria de Frege 3 (1978) e a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio
96 "Sobre o Sentido e a Referência 4". 3 Friedrich Ludwig Gottlob Frege, filósofo e matemático alemão, nasceu a
97 08 de novembro de 1848, em Wismar (Alemanha), e faleceu a 26 de julho de 1925, em BadKleinen (Alemanha).
98 Estudou nas universidades de Jena e de Göttingen, obtendo o doutoramento em Matemática (Geometria), em
99 1873. Lecionou na Universidade de Jena de 1874 até 1917. 4 Esse ensaio foi escrito com problemas da lógica em
100 mente (isto é, a relação de "igualdade") e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar
101 que o problema do sentido invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica
102 formal. Desse ponto de vista, Frege, como C. S. Pierce, antecipam a preocupação de filósofos e críticos com os
103 problemas que envolvem a língua e o significado, particularmente problemas semânticos e epistemológicos que se
104 sobrepõem, mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985, p.624. 5 A preocupação com a água no
105 cenário brasileiro não é recente. Em 1992, durante a Rio 92, Frege 5 foi um dos fundadores da lógica simbólica
106 moderna, perspectivando a matemática como redutível à lógica. Seus trabalhos fundamentais versam sobre a
107 lógica filosófica, a filosofia da matemática e, sobretudo, sobre a filosofia da linguagem. Conhecido nos estudos
108 da linguagem pela sua teoria do sentido (sinn) e da referência (bedeutung), apresentada na obra Über Sinn und
109 Bedeutung (1892), um estudo que expõe as bases para a distinção descritivista entre sentido e referência, cujos

110 conceitos se tornaram fundamentais para a semântica e pragmática modernas, tornando-se referência, também,
111 para a filosofia da linguagem.

112 Compreende-se, portanto, neste estudo, o sentido como a ideia compartilhada como referente, isto é, uma
113 concepção geral que permite o entendimento dos significados simbólicos entre os membros de uma mesma
114 cultura (FREGE, 1978). Por isso, é esse sentido a consciência de que existe relação entre as experiências
115 desseshomens/mulheres. (BERGER E LUCKMANN, 2012; HEIDRICH 2013).

116 2 a) Sentido na Geografia

117 O sentido no olhar geográfico traz a noção de que os homens/mulheres experienciam e transformam o mundo
118 natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto atores de transformação. Com
119 o interesse voltado para esse homem/mulher, a Geografia passa a reconhecer que a produção e reprodução do
120 espaço são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e mantida por códigos simbólicos que
121 fazem a comunicação.

122 A comunicação humana é produção simbólica que, antes de ter significações, passa pelo sentido. Tais códigos
123 incluem, não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também os valores, as crenças, percepções e
124 representações. Uma série de produções simbólicas que constituem o mundo vivido de uma comunidade, porque
125 toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material, simbólica, produção e comunicação. Essa apropriação
126 simbólica do mundo produz estilos de vida distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente
127 específicos (COSGROVE, 2007).

128 Desse modo, "a Geografia Cultural passa a analisar objetos do cotidiano, representações, estudos de sentidos
129 que conduzem a significados, paisagens e à construção social de identidades baseadas em lugares" (MCDOWELL,
130 1996, p. 159). Seu foco inclui a investigação da cultura, seus sentidos e significados, abordados a partir de uma
131 série de perspectivas teóricas.

132 A partir daí, a Geografia dedica uma atenção nova à irreducibilidade do fato cultural. Um fato que não é mais
133 visto como a superestrutura vaga e fluida. A cultura, hoje, tende a ser compreendida como uma vertente do real,
134 "[...] um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como
135 uma visão de mundo que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço"
136 (BONNEMAISON, 2001, p. 86).

137 Com esse novo olhar, a ciência Geográfica passa a falar sobre temas diversos, não só sobre altitudes, profundezas
138 e densidades, mas sobre diversidades culturais e marcadores territoriais. Estudos que revelam a procura de
139 sentidos culturalmente construídos, que compartilham os homens de uma mesma comunidade e que dão significado
140 às suas experiências.

141 Com o interesse pelo conhecimento do homem pela ciência que estabelece uma rede de essências, com suas
142 próprias categorias, paisagem, espaço, território e lugar, o sentido que conduz ao significado passa a constituir a
143 palavra-chave da geografia cultural, com a concepção de que, para a compreensão da realidade social, é necessário
144 ir além de sua organização, constituição e estrutura, introduzindo-se os sentidos e significados que dela fazem
145 parte. Trata-se de interpretar a espacialidade criada e seus sentidos, pois "[...] toda atividade humana é ao mesmo
146 tempo material e simbólica, produção e comunicação" (COSGROVE, 2003, p. 103).

147 As culturas não representam somente um gênero de vida, uma maneira de viver e por isso despertam o interesse
148 desses geógrafos. Uma cultura dá sentido e significado ao mundo: propõe uma visão do mundo, uma ordem de
149 pensamento. "Esta ordem de pensamento baseia-se em crenças, mitos, valores" (BONNEMAISON, 2001, p. 92).

150 O Geógrafo passa a se interessar pelo âmbito da visão cotidiana do homem e de sua movimentação diária
151 habitual, com a consciência de que o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir da sua
152 percepção e relação com o espaço. "A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria
153 concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo" (DARDEL,
154 2011, p. 43).

155 Por ser essa uma relação intersubjetiva, deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primor-
156 dialmente ao homem: suas ligações existenciais, suas preocupações, seu bem-estar e seus projetos para o
157 futuro. Ou seja, o geógrafo passa a interessar-se pelas relações estabelecidas pelo homem/mulher com outros
158 homens/mulheres e com todas as coisas que compõem seu mundo vivido.

159 Desse modo, a geografia deixa de ser um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência
160 que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado a Terra por sua condição terrestre.
161 Então, a realidade geográfica passa a ser para o homem o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o
162 ambiente que atrai sua presença. Terras em que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a
163 sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos. "Uma realidade geográfica que exige uma adesão total do
164 sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer
165 sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar" (DARDEL, 2011, p.46).

166 Os estudos geográficos em busca do sentido do homem/mulher amazônico trazem à tona esse olhar, com a
167 compreensão de que a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão
168 de mundo de cada ser humano. Descrevem o espaço e lugar como conceitos distintos. Veem o espaço amazônico
169 como liberdade, sensação de amplitude, de infinito; "[...] o lugar como a segurança, o centro ao qual se atribui
170 valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação" (TUAN, 1983,
171 p.4).

3 III.

4 Metodologia

A proposta de conhecer sentidos, percepções e representações sociais em comunidades amazônicas para (re)conhecer as lógicas dessas comunidades exigiu a presença dos pesquisadores e seu envolvimento com a cultura a ser analisada. Com esse intuito, fez-se pesquisa qualitativa com visitas às comunidades, confecção do diário de campo, entrevistas não estruturadas, gravações de narrativas, elaboração de mapas mentais, tratamento e análise dos dados.

Para desvendar os sentidos e percepções através das imagens, solicitou-se a elaboração de mapas mentais a duas pessoas de cada uma das seis (06) comunidades analisadas. O diálogo com esses mapas mentais foram feitos com o auxílio da metodologia Kozel.

Para a análise das trinta e uma (31) narrativas obtidas pelas entrevistas, optou-se pela utilização do software de pesquisa qualitativa ATLAS/ti.

5 IV.

6 Resultados

Pelos dados obtidos neste estudo, verificou-se que a água tem um espaço privilegiado na vida desses homens/mulheres observados, seja por sua importância à subsistência pela pesca ou pelo contato com essas águas desde a infância. Fato que faz essa água ter um papel relevante na configuração desses sujeitos e no tecido social dessas comunidades. É um espaço no qual a água amazônica não é apenas um recurso natural, ou uma paisagem portadora de belezas naturais, encantamentos, mitos e crenças, é mais, representa a vida dessas comunidades. Uma vida composta de importantes peças que compõem o mosaico das paisagens culturais investigadas.

Com fatores relevantes que incidem no pensamento das comunidades investigadas sobre o uso e preservação da água, pôde-se observar que suas percepções vão além da subsistência ou do lazer, vão a relações de proximidade e de afastamento, do respeito ao temor. Percepções que as conduzem à passagem dos sentidos do mundo real (a água como subsistência ou lazer, dos peixes e das feras) aos sentidos do imaginário (a água dos mitos, crenças e sonhos) e interferem no seu relacionamento com ela.

Com percepções distintas em relação à água que os cercam, os colaboradores de Porto Velho e de Guajará-Mirim relacionam a vida perto da água desde a tranquilidade de viverem em um local seguro e calmo até ao medo que as águas representam devido ao risco de afogamento, de enchentes e das existências reais e imaginárias de animais selvagens dentro dela.

As representações sociais dessas comunidades observadas se entrecruzam em diversos aspectos (com sentido do respeito, temor, cuidado, subsistência) e formam lógicas de comunidade com interesse aos fenômenos sociais presentes em seus espaços (migração, desapropriação, novos empreendimentos etc.) e os conduzem a pensar e repensar a problemática que cerca o objeto água (escassez, contaminação, irregularidades de cheias e vazantes etc.).

V.

7 Conclusões

Com a análise dos dados, verificou-se que, embora a água tenha um papel privilegiado na vida desses colaboradores, a margem do rio, o viver entre o rio e a floresta, nessas comunidades investigadas, hoje, já não lhes permite ver os enigmas da Amazônia.

Esse viver ribeirinho, embora ainda ofereça interrogações sobre origens e destinos a esse homem/mulher e a água transcenda sua materialidade e lhes imponha toda uma série de concepções sobre o viver à beira do rio, as narrativas que remeteram a uma realidade psíquica construída sobre vivências geradas a partir dessas águas, apresentaram, também, as grandes mudanças ocorridas nesse viver que transforma objetiva e subjetivamente esse ser humano e exibiu o seu mundo vivido como um universo reificado.

Uma realidade que mostrou que, embora os devaneios e a construção do Eu derivem da água que os cerca, o objeto água adquiriu a condição do Outro. Um espaço percebido por esses homens/mulheres por meio de sua situação nesse mundo vivido que os fazem reafirmar suas opções em viver à beira do rio, mas que lhes permitem, também, a percepção de problemas graves em suas águas e a preocupação com as gerações futuras.

Nas comunidades portovelhenses, essa realidade atinge a própria objetivização de ser um ribeirinho e conduz a ver essa mesma água que, para eles, anteriormente estabelecia a sua identidade e lhes permitia construir um diálogo entre o sujeito e o mundo em um território valorizado emocionalmente, hoje, cria relações de diversidade e tensão entre esses dois espaços, articulados e contraditórios: os pequenos espaços individualmente significativos e os macro espaços socialmente construídos.

Nas comunidades portovelhenses, ficou claro que suas representações sociais em relação à água já não se ancoram em condições de vida anteriores (fatura da pesca, enchentes com épocas certas, espaço de criação e plantio), ancoram-se em Volume XV Issue X Version I Um Estudo Geográfico Na Observação Dos Sentidos, Percepções E Representações Sociais Sobre Um Recurso Natural Efetivo À Vida: A Água Amazônica condições adversas (construção de usinas, falta do peixe, desbarracamento e enchentes constantes).

230 Desse modo, o ser ribeirinho, que antes lhes permitia desaguar no imaginário com um espontâneo maravil-
231 hamento diante dos acasos, dos mitos e das lendas, não mais os privilegia com a contemplação que os conduzia
232 a olhar as coisas com devaneio e gratuito prazer da imaginação.

233 As margens do Rio Madeira, que antes parecia não exigir lógica para ser coerente, hoje, apresenta as
234 comunidades em crise de sentidos, cujas comunidades de sentidos e comunidades de vida já não concordam
235 entre si. O que torna mais difícil a manutenção da concordância nos processos que formam a identidade pessoal
236 e também promovem o surgimento de lógicas de tensão e de preocupação com suas próprias vidas e com a sua
237 água, formando um grupo social composto pelas diferentes comunidades e conduzindo a um fortalecimento de
238 objetivos em comum.

239 A comunidade guajaramirense mostrou à pesquisa que constrói e/ou reavalia seus sentidos a partir da mídia
240 e do censo comum e, também, cria lógicas de preocupação com a sua água e a sua vida.

241 A serenidade que advinha das águas, ainda presente na comunidade guajaramirense, deu lugar à inquietação
242 nas comunidades portovelhenses. As experiências do cotidiano, da leitura das águas na previsão de tempestades,
243 da estiagem, do bom tempo ao plantio ou a praia do turismo, hoje, se mostra no estranhamento ao Rio Madeira.

244 A admiração e o maravilhamento que nascia da própria contemplação da água, das particularidades
245 de onde brotavam as sensações e permitia ao espírito ribeirinho sonhar e ver em fenômenos naturais as
246 explicações metafóricas, numa poética iluminada pela religiosidade dos mitos, formas de explicação por meio
247 do irrepresentável da representação, em suas narrativas se mostraram ausentes.

248 No entanto, nesse espaço no qual a água amazônica não é apenas um recurso natural, ou uma paisagem
249 portadora de belezas naturais, encantamentos, mitos e crenças, a água ainda se mostra mais. Ela representa
250 a vida dessas comunidades. Uma vida composta de importantes peças que compõem o mosaico das paisagens
251 culturais investigadas.

252 Reconheceu-se, portanto, a importância de estudos geográficos para intervenções urgentes nas gestões, outorgas
253 e/ou empreendimentos nas águas em rios Amazônicos. Uma bacia hidrográfica importantíssima e que tem sido
254 utilizada sem respeito aos sentidos e significados do ser humano local. Uma utilização irresponsável com outorgas
255 de direitos fornecidos pela Agência Nacional de Águas (ANA) de maneira ilegal, visto que, em nenhum rio
256 amazônico foram instalados os comitês de bacia que, de acordo com a Lei das Águas (9.433/97), deveriam ser
257 responsáveis por planejar o uso das águas.

258 Em uma época em que o problema com a escassez da água é sentido em várias regiões do Brasil e no mundo,
259 com a contaminação e assoreamento de rios, é de extrema importância (re)pensar na preservação da água na
260 Amazônia. Por isso estudos geográficos, a partir do sentido, das percepções e das representações sociais do
261 homem/mulher amazônico se impõem. Isso porque são essas lógicas, a partir de comunidades geograficamente
262 localizadas, que poderão auxiliar e fornecer as ferramentas cognitivas necessárias para as políticas de gestão que
conduzam a outorgas e/ou empreendimentos com maior responsabilidade. ^{1 2 3}



Figure 1:

Um Estudo Geográfico Na Observação Dos Sentidos, Percepções E Representações Sociais Sobre Um Recurso Natural Efetivo À Vida: A Água Amazônica
2
Volume XV Issue X Version I
(H)
Global Journal of Human Social Science

[Note: © 2015 Global Journals Inc. (US) -Year 2015]

Figure 2:

263

¹O uso do verbo optar é aqui utilizado porque, em sua maioria, esses colaboradores tiveram e ainda têm a opção de escolha na apropriação do espaço e modificação da paisagem natural amazônica, mas preferiram e ainda preferem fazer da beira do rio o seu lugar. Diferente da situação em outras comunidades, cuja própria ocupação urbana desenfreada empurra os sem teto a viverem às margens dos rios.

²© 2015 Global Journals Inc. (US) -

³Um Estudo Geográfico Na Observação Dos Sentidos, Percepções E Representações Sociais Sobre Um Recurso Natural Efetivo À Vida: A Água Amazônica

- 264 [Tuan et al. ()] , Yi-Fu Tuan , Espaço & Lugar , Perspectiva Da Experiência. São , Paulo . 1983. DIFEL.
- 265 [Mcdowell et al. ()] , L Mcdowell , ; Transformação Da Geografia Cultural , D Gregory . Org.) *Geografia Humana:*
266 *Sociedade, Espaço e Ciência Social.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (ed.) 1996.
- 267 [Bonnemaison and La Géographie Culturelle ()] , J Bonnemaison , La Géographie Culturelle . 2001. Paris: CTHS.
- 268 [Paulo ()] , Paulo . 2001. Tese de Doutorado-Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo
- 269 [Plano et al. ()] , Plano , De , Hídricos . [http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/-2009/-10/](http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/-2009/-10/rios-e-bacias.Acessoem25/07/2003)
270 [rios-e-bacias.Acessoem25/07/2003](http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/-2009/-10/rios-e-bacias.Acessoem25/07/2003) 2010.
- 271 [Alegre ()] Porto Alegre . *Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura*, 2013.
- 272 [Dias and Aragón (ed.) ()] *Cooperação amazônica para o conhecimento e o uso sustentável dos recursos hídricos*
273 *da região*, M A R Dias , L E Aragón . ARAGÃ?"N, L. e CLÛSENER-GODT, M. (ed.) 1987. Bogotá, D.E.FEN.
274 Colômbia. p. . ((Orgs.) Problemática do uso local e global da Amazônia)
- 275 [Kozel] *Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a "capital ecológica*, Salette Kozel . (São)
- 276 [Sena ()] *Empreendimentos hidrelétricos e vulnerabilidade socioambiental na Amazônia: o caso da bacia do rio*
277 *Madeira. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Energia -XIII CBE*, J A Sena . 2010. (Rio de Janeiro)
- 278 [Adams et al. ()] *Flórida: Universityof Florida*, H Adams , L Searle , Theory . 1985.
- 279 [Heidrich] Á L Heidrich . *Maneiras de ler: geografia e cultura*, (recurso eletrônico)
- 280 [Cosgrove et al. ()] *Introdução à Geografia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil*, D Cosgrove , R L
281 Corrêa , Z Rosendahl . 2007. Org.. p. . (Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria)
- 282 [Frege ()] *Lógica e Filosofia da Linguagem*, G Frege . 1978. São Paulo: Cultrix.
- 283 [_____ E] 'Novos rumos da geografia cultural'. Jackson _____ E , P . *Introdução à geografia cultural*
284 CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (ed.) Orgs.
- 285 [AragónL E ()] *Novos Temas Regionais para o Estudo da Amazônia no Atual Contexto Internacional. Trabalho*
286 *apresentado na mesa redonda o tempo curto e o tempo longo: questões emergentes e questões ausentes da*
287 *pesquisa em estudos urbanos e regionais. 58 º Reunião da SBPC*, AragónL E . 2006. Florianópolis. p. .
- 288 [Dardel ()] 'O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica'. E Dardel . *Trad. Holzer* 2011. Perspectiva.
- 289 [Berger et al. (ed.) ()] *Pluralismo e Crise de Sentidos. A orientação do homem moderno*, P Berger , T Luckmann
290 , Modernidade . Trd. de Edgar Orth (ed.) 2012. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- 291 [Rebouças (eds.) ()] *Águas doces no Brasil: capital ecológico*, A C Rebouças . Rebouças, A.C., Braga, B. &
292 Tundisi, J.G (eds.) 2002. São Paulo: Escritura. (Água doce no mundo e no Brasil. uso e conservação)